

A expressão da cultura de representatividade: Análise do megaevento Beychella¹

Janaína Vanessa Indaiá da SILVA²

Jéssica Clemente de Sousa SILVA³

Letícia Barbosa Leite de MOURA⁴

Viviane Veiga SHIBAKI⁵

Faculdade de Tecnologia de Barueri, Barueri, SP

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar como a cantora negra Beyoncé Knowles trouxe o debate das expressões pela cultura de representatividade enfatizando o racismo e feminismo no evento "Beychella". Utilizamos de forma não sistemática as ferramentas de análise da semiótica, análise do discurso e fílmica. Elas auxiliaram a identificação no documentário "Homecoming" produzido a partir do evento, elementos que tratam das temáticas da cultura de representatividade, esmiuçando assim os detalhes e significados. Tendo em vista a pouca representatividade no ramo artístico e de expressões desta cultura em eventos de grande visibilidade, entendemos como necessário o estudo sobre como as questões foram retratadas neste show, na intenção de que essas técnicas de comunicação sejam replicadas para promover conscientização e diminuição do preconceito.

Palavras-chave: Megaeventos; Cultura de Representatividade; Beyoncé; Beychella.

1. Introdução

“O que torna o “*Coachella Festival*”⁶ especial é que ele tem um espaço para todos os gêneros: rock, rap, eletrônico, pop, indie e diferentes sonoridades têm palco no festival.” (PRANDO, 2019). É assim que Ali Prando define o evento que ocorre anualmente, desde 1999, mundialmente reconhecido e requisitado por reunir diversos artistas de gêneros musicais diferentes.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação– XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Tecnologia em Eventos da FATEC Barueri, e-mail: janaina.silva297@fatec.sp.gov.br

³ Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Tecnologia em Eventos da FATEC Barueri, e-mail: jessica.silva227@fatec.sp.gov.br

⁴ Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Tecnologia em Eventos da FATEC Barueri, e-mail: leticia.moura01@fatec.sp.gov.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da FATEC Barueri, e-mail: viviane.shibaki@fatec.sp.gov.br

⁶ “*Coachella Valley Music and Arts Festival*”;

Os palcos deste grandioso evento já puderam contar com a aparição de artistas renomados da música de diversas nacionalidades, nomes como Coldplay em 2005, Madonna em 2006, Amy Winehouse em 2007, Emeicida em 2011 e a diva Lady Gaga em 2017 que se apresentou após a recusa do convite de Beyoncé Knowles para o evento por conta de sua gestação inesperada.

Em 2018, o evento sediado no deserto da Califórnia, Estados Unidos, aconteceu de 13 a 22 de abril e pôde contar com a ilustre presença de Beyoncé Knowles como sendo atração principal. Reverenciada como diva da música pop internacional, ela possui 28 *Grammy* e 2 *Emmys*, estando na liderança da *Billboard Hot 100*⁷ de 2013 a 2017, tendo mais de 7 álbuns lançados e está no 50º lugar no ranking das mulheres mais poderosas do mundo pela *Forbes*⁸, sua participação neste evento marcou o retorno da cantora aos palcos após o nascimento do casal de gêmeos de sua segunda gravidez.

E para alcançar todas essas marcas e sucessos, Beyoncé Giselle Knowles-Carter, nascida em 1981, na cidade de Houston, no Texas. Iniciou sua vida musical na igreja em que ela participava, aos 7 anos e onde conheceu Kelly Rowland e Michelle Williams, formando o grupo *Destiny 's Child* anos depois, como apontado pela colunista Érika Freire. (FREIRE, 2021).

Em 2003, o álbum “*Dangerously in Love*” foi lançado com os sucessos “*Baby Boy*” e “*Crazy in Love*”, com 317 mil cópias vendidas na semana de lançamento. E a partir desta época, Beyoncé se tornou cada vez mais famosa por suas parcerias e singles, como “*Beautiful Liar*” com a cantora colombiana Shakira, além do lançamento do disco “*I Am... Sasha Fierce*”, onde se encontra a icônica música “*Singles Ladies*”, que atualmente alcançou a marca de 830 milhões de visualizações no Youtube.

Beyoncé foi a primeira mulher negra a se apresentar como atração principal em um evento como este, pois em 19 anos de festival, ainda não tinham convidado uma cantora negra para o show principal, demonstrando assim, a pouca representatividade neste ramo e de expressões de cultura.

“É difícil acreditar que, depois de tantos anos, fui a primeira mulher afro-americana a ser a atração principal no Coachella. Era importante para mim que todos que nunca se viram representados, se sentissem no palco com a gente.” (HOMECOMING, 2019)

⁷ Billboard é uma revista mensal de música e “Hot 100” é um ranking semanal que aponta as músicas mais tocadas;

⁸ Forbes é uma conceituada revista de negócios, economia e marketing. (BOTOSO; DALAGO; OLIVEIRA, 2017).

Na fala de Beyonce, observamos o descontentamento dela com a ausência de representatividade no evento, sobretudo relacionado as mulheres e aos negros pela iniciativa tardia da produção de trazer diversidade ao evento.

A condição de ser uma pessoa negra na atual conjuntura social em que nos encontramos, é a de encarar diversas situações adversas como o racismo⁹. É importante ressaltar que o caso Beychella aconteceu nos Estados Unidos e ela é uma artista negra norte-americana, portanto a leitura que ela tem das questões sociais, estão dentro deste contexto em que ela está inserida, que, apesar de muito similar ao que vivemos no Brasil, tem suas diferenças históricas e cotidianas. Um exemplo desta diferença, é a classificação de quem é ou não negro, que como bem descrito pelo antropólogo negro especialista em antropologia da população afro-brasileira, Kabengele Munanga:

Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. (MUNANGA, 2004, p. 52)

Justamente por ser comum no Brasil que se classifiquem pessoas como “pardo, mulato e mestiço” e nos Estados Unidos qualquer descendente de negros pode se apresentar como tal, entendemos que para a maioria dos brasileiros é uma tarefa mais complexa denominar quem é ou não negro pelo significado cultural atrelado à leitura de cada pessoa, pois validamos mais variações do que apenas “negros e brancos”. Como apresentado por Munanga novamente:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. (MUNANGA, 2004, p. 52)

A autora negra brasileira e pioneira na discussão de gênero e raça, Lélia Gonzáles também delimita a problemática do embranquecimento como:

Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura.” (GONZÁLEZ, 2011)

Evidencia-se como problema de definição, é também um problema de identidade, que de acordo com a pesquisadora Danielle Vaz e seu companheiro de pesquisa Marco Bonito

⁹ Na visão de, Guimarães (1999 apud LIMA; VALA, 2004), “o racismo é uma redução do cultural ao biológico, uma tentativa de fazer o primeiro depender do segundo.”, que faz coro ao processo de hierarquização.

(2019), “Quando me identifico entendo em que posição discursiva e de atenção social estou, então a identificação se torna algo político, não é uma disputa de grupos sociais, mas sim uma disputa de reconhecimento social.”, solidificando a ideia de que a maior aparição de pessoas negras em posição de poder e destaque, resultará em uma melhor identificação da população com esses ícones, aumentando assim a autoestima deste grupo minoritário¹⁰.

Quando a mulher se entende dentro deste mesmo contexto social, se vê também sob uma estrutura estigmatizadora que a subjuga, gerando necessidades com recortes de raça e gênero, fazendo com que seja necessário o surgimento de grupos orientados às demandas de cada recorte. O feminismo negro¹¹, de acordo com a escritora e feminista negra Joice Berth citando a socióloga negra Patricia Hill Collins em 2019: “o pensamento feminista negro não é um aditivo de outros feminismos, mas uma formulação própria feita a partir das necessidades, conhecimentos e formas de atuação política próprias das mulheres negras”, elevando assim nosso entendimento sobre esses grupos ao nível de compreender que o contexto da mulher negra é diferente de outros grupos, por causa de suas especificidades oriundas da combinação de preconceitos direcionados às mulheres e aos negros.

Tal relação é explicada por Lélia Gonzalez em 2011: “Tanto o racismo como o feminismo partem das diferenças biológicas para estabelecerem-se como ideologias de dominação.”. Reforçando assim o ponto em comum de ambas as opressões.

Em passagens anteriores, comentamos sobre a estimulação da autoestima para esse grupo, outra palavra para esse mesmo processo, é o “Empoderamento”, que é oriunda do termo inglês “*empower*”, e como define Joice Berth (2019): “a palavra ‘empoderamento’, ao pé da letra, significa dar poder ou capacitar.”, o movimento de exposição de potenciais figuras geradoras de identificação, promovendo empoderamento para as pessoas que se reconhecem naquela imagem, já que elas estarão no processo de adquirir o poder através da força do orgulho em ser quem são, fazendo assim resistir a sua cultura e seu povo.

¹⁰ A condição de grupo minoritário aqui, se emprega à minoria de acesso ao poder ou ferramentas de poder. Como bem descrito por Victor Andrade Melo, pós-doutor negro, pesquisador na área de ciências humanas e história. (MELO, 2003)

¹¹ Feminismo negro de acordo com a historiadora negra Vilma Lopes (2020, p. 100): “Surge, então, como uma alternativa às vozes negras silenciadas, promovendo um debate acerca da situação a que mulheres negras se encontram, a desconstrução de estereótipos, a desnaturalização e o combate à violência, a representatividade e o empoderamento, seja de feministas negras, seja de mulheres negras que nunca ouviram falar a palavra ‘feminismo’”

Os megaeventos por terem em sua essência uma grande abrangência, podem carregar consigo a representatividade para quem assiste e participa, podendo ser apropriados para a exposição e debate de temas como os que tratamos neste artigo e nas falas acima.

É importante também ressaltar que a Beyoncé é um símbolo de resistência, e é preciso que seja levado em consideração que a pessoa particular, a Beyoncé Giselle Knowles-Carter, é uma pessoa como tantas outras, merecedoras de reconhecimento de seus feitos, mas que têm seu olhar para o fortalecimento de uma comunidade, se fazendo necessário pensar o que ela representa através de quem ela é, ou das características que a formam enquanto pessoa.

Desta forma entendemos que a falta de representatividade dificulta o processo de conscientização nos levando ao seguinte questionamento: como ídolos da música mundial podem influenciar e conscientizar os públicos sobre temas relacionados à cultura de representatividade através dos eventos?

Optamos pela utilização do termo cultura de representatividade que compreendemos como um combinado de indícios que buscam evidenciar as características históricas, as reivindicações e cultura dos povos, neste caso de negros e das mulheres, através de seus canais de comunicação, sejam eles, as músicas, danças, o texto narrado e os símbolos relacionados a situação em questão.

Os megaeventos são palco para grandes artistas e dispõem de larga visibilidade. Assim, pessoas devem ter a possibilidade de acesso a diversas culturas, através da disponibilização de espaços e oportunidades de aprendizado baseado na disseminação e exposição destas informações, onde os eventos culturais podem realizar esse processo de exibição, das quais precisam ser protagonizadas por quem as vive e faz parte delas.

Como dito por Tássia Nascimento, enquanto pesquisadora, mulher negra e feminista, “Temos que nadar na contracorrente das próprias estruturas, instituições e indivíduos que não acreditam em nossa capacidade de produzir história e cultura.” (NASCIMENTO, 2018). Reforçando ainda mais a condição social estabelecida que subjuga a mulher e faz-se necessário que ergam forças e ações para lutar contra esta.

De acordo com a importância de estudarmos estes temas e acontecimentos históricos, temos como objetivo geral: inspecionar como a cantora negra Beyoncé trouxe o debate das expressões da cultura de representatividade, enfatizando o racismo e feminismo no evento "Beychella" com a intenção de que essas características sejam replicadas para promover conscientização e diminuição do preconceito. Como objetivos específicos, temos: identificar

no documentário "Homecoming" produzido a partir do evento "Beychella" elementos que tratam das temáticas raciais, culturais e de gênero, esmiuçando os detalhes e significados do evento; explicitar o poder¹² da Diva Beyoncé e seu potencial de influência, a fim de ressaltar a importância de tratar sobre feminilidades e questões raciais em grandes eventos.

2. Beychella

O Coachella sempre foi considerado um evento de grandes proporções atraindo em média 250 mil participantes presencialmente, onde em 2010 foi considerado o maior festival anual do mundo por seus números e proporção mundial (VÍRGULA, 2010). Porém, sua grandiosidade se deu a partir do retorno da diva Beyoncé de sua arriscada gravidez de gêmeos, além de se tornar a primeira artista negra a ser a atração principal do Coachella, transformando o nome do evento em Beychella, e teve 458.000 mil aparelhos conectados assistindo a transmissão ao vivo pelo Youtube que, de acordo com Soraia Alves (2018), editora assistente do site B9, bateu recorde de audiência simultânea na plataforma, também inovou sendo a primeira artista a reunir mais de 200 profissionais entre bailarinos e banda simultaneamente no palco durante a atração.

3. Definindo Evento

Para conceituar evento, é possível citar a doutora em ciências da comunicação Cleuza G. Gimenes Cesca (2008), que define evento como algo que desperta a atenção do público, criando a divulgação do organizador, a partir das notícias geradas sobre o evento. Diferente para o ramo das relações públicas, que evento é a execução de um projeto planejado, com o objetivo de manter ou recuperar os conceitos de uma organização para seu público-alvo.

Para facilitar a tipologia, os eventos podem ser classificados de acordo com o seu porte, sendo o Coachella um festival é caracterizado como megaevento de acordo com a ABNT (2016, p.9) que conceitua megaevento como:

Evento que gera grande impacto econômico, ambiental e social, com alto grau de complexidade social de organização, envolvendo poderes públicos e privados e normalmente, de visibilidade e repercussão mundiais, envolvendo um número expressivo de pessoas (público e profissionais envolvidos com a realização) e gerando grande interesse do público.

¹² “Poder é a capacidade de influenciar, liderar, posição de um indivíduo como ‘Rei’ obtendo a obediência de seus súditos.” (ALBUQUERQUE, 1995).

4. Compreendendo a Representatividade

Entendemos que, a partir de um megaevento, debates de temas específicos podem ganhar visibilidade e ter repercussão mundial, como o caso do Beychella.

Estudar a representatividade e a abordagem da expressão de cultura de representatividade negra e feminina na apresentação da Diva Beyoncé se faz necessário, em que a conceitualização de alguns temas ideológicos para que se torne mais dinâmico o entendimento do objetivo da pesquisa.

Em primeiro plano, é fundamental o conceito de cultura. Segundo a escritora e pensadora brasileira Marilena Chauí (2000) cultura é a absorção de uma formação ou educação dos seres humanos, apresentando resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. Passou a ser associado à civilização, pois consideravam que a educação/formação aparece com maior frequência e nitidez na vida social, política ou civil.

Em segundo plano, baseando-se no pensamento de Chauí (2000) sobre a educação dos seres humanos, se torna viável conceituar o ato da conscientização. Segundo Paulo Freire, declara que:

É o processo pedagógico que busca dar ao ser humano uma oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre sua existência. Ela consiste em inserir criticamente os seres humanos na ação transformadora da realidade, implicando, de um lado, no desvelamento da realidade opressora e, do outro lado, na ação sobre ela para modificá-la. (FREIRE, 2018, p. 4)

Assim, entendemos que o processo de conscientização faz parte de um “despertar”, onde as pessoas entendem de forma crítica seu espaço na sociedade e em quais mazelas sociais estão atreladas, podendo assim, lutar contra essas estruturas para transformar a realidade ao seu redor.

Porém, para que determinados grupos pudessem ser ressaltados e compreendidos da maneira correta dentro da apresentação da Diva, é importante também pontuar o que é a representatividade, um dos termos pelo qual Beyoncé é reconhecida mundialmente. A partir da produção de Conselheiros (200?) é possível entender que: “Liga-se à ideia daquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Ela se concretiza através da ação, adesão e participação dos representados.” (CONSELHEIROS, 200?, p. 38)

Desta forma, a representatividade ilustrada por Conselheiros, demonstra que está diretamente ligada ao processo de identificação que é muito importante para as minorias, “A identidade é tudo que se é, é concebida a partir do outro e porque o fato de sabermos que o outro

tem suas particularidades definimos nossas diferenças e semelhanças com o próximo.” (BONITO; VAZ, 2019).

Ações preconceituosas como o racismo, inibem a representatividade, pois tira essas pessoas do lugar de destaque, na tentativa de rebaixá-las a partir de sua identidade.

5. A Prática do Detalhamento

De início, realizamos levantamento da base teórica a partir de livros, artigos, reportagens, teses e demais materiais da internet que tratavam dos conceitos que foram atrelados à pesquisa, sobretudo relacionados ao documentário "Homecoming", base de nosso trabalho. Este artigo caracteriza-se como uma análise da semiótica, definida pela professora e divulgadora Lúcia Santaella, em 2017, como uma ciência que possui como objeto de investigação de todo e qualquer tipo de linguagem existente, ou seja, analisando os modos de constituição de qualquer fenômeno que produz alguma significação ou sentido.

Ainda de acordo com Santaella, o campo de indagação da semiótica é vasto, atingindo o que chamamos de vida; não apenas a vida como uma espécie de linguagem, também como um sistema vivo, que se reproduz, readapta, transforma e se regenera com o tempo e espaço, como as coisas vivas que conhecemos.

A ferramenta metodológica selecionada para o desenvolvimento deste artigo para abranger tais conceitos citados por Santaella (2017), foi a análise do documentário "Homecoming", disponível na plataforma de streaming Netflix, lançado no dia 17 de abril de 2019. Durante suas duas 2 horas e 17 minutos de duração, o documentário mostra os bastidores da apresentação de Beyoncé Knowles no *Coachella Valley Music and Arts Festival* em 2018, expondo em toda a sua extensão oscilações de trechos da produção do evento e de suas apresentações.

A análise do material audiovisual pode ser nomeada como "Análise Fílmica", descrita por Oliveira e Emérito (2016), como: "Registros fílmicos que constituem a partir de seus enunciados, identidades que representam momentos e acontecimentos que podem servir de materialidade para a constituição da história e da cultura de um povo". Estes registros foram analisados a fim de atingir os objetivos do artigo. Tivemos como norma de confronto para a realização das análises, as vivências de mulheres negras e não negras que estão inseridas nestes contextos sociais, artigos de acadêmicas e acadêmicos que demonstrem o estudo dos impactos dessa exposição para as pessoas que integram esses grupos sociais.

E para que pudéssemos estudar o documentário de maneira detalhada, utilizamos a ferramenta de análise do discurso, a partir do discurso falado, apresentado, cantado e dançado, como de acordo com Melo (2009), que diz que não se trata apenas do funcionamento da língua, mas sim da relação criada entre o interlocutor e o espectador.

6. Conjunto de Análises

6.1. Análise da Semiótica

Aplicamos a análise da semiótica nos elementos de comunicação verbal e não verbal, iniciando com o conceito da universidade que Beyoncé quis criar para o evento, onde surgiram a sororidade e fraternidade de estudantes que compuseram a banda e o ballet do show. Para tornar mais tangível o conceito, foram criados elementos gráficos, exemplo disso, é a sigla “BAK”, onde podemos encontrar as letras iniciais de “Beyoncé Knowles” e ao meio, uma letra grega, o delta. Esta tradição de mesclar letras gregas ao nome dos grupos estudantis é muito popular nas faculdades negras estadunidenses. Em complemento da sigla, podemos contar com o brasão da fraternidade, com 4 elementos, o rosto de Nefertiti¹³, uma pantera negra¹⁴, um punho cerrado¹⁵ e por fim, uma abelha¹⁶.

A união destes símbolos é possível notar nos figurinos, logo na abertura do evento, Beyoncé aparece com um manto, um turbante e um cetro, em seu manto podemos identificar o brasão da BAK, esses elementos juntos, formam a imagem de uma rainha adentrando o palco em um caminhar acompanhada de seu ballet que a segue. Em seguida, ela faz uma troca de roupa, para um estilo despojado, com peças comuns entre jovens estudantes, um shorts jeans e um moletom estampado com os símbolos de sua faculdade.

Podemos identificar o mesmo padrão de uniforme nos integrantes da banda e coral, todos estão trajados com seus uniformes universitários e quepes. As integrantes do ballet, estão trajadas de um collant, quepes e botas, de forma a referenciar as *cheeleaders*.

A importância de representar as faculdades norte-americanas para negros, é que são tidas como um símbolo de resistência, já que foram elas que possibilitaram acesso a conhecimento para essa comunidade que foi isolada socialmente pelas políticas de segregação racial.

¹³ Foi uma rainha do antigo Egito e representa o poder feminino;

¹⁴ Faz alusão ao Partido dos Panteras Negras, ao herói Pantera Negra e por fim, pode se entender também como mascote da faculdade;

¹⁵ Símbolo de resistência e ativismo negro;

¹⁶ A abelha é um símbolo presente na carreira de Beyoncé desde seu início, por ser seu animal preferido, tanto que seus fãs a chamam de “QueenB” ou então, “Abelha Rainha”.

“Como estratégia de preservação e de sobrevivência, homens negros e mulheres negras apoiaram-se na chamada comunidade negra (*Black community*)” (BRITO, 2018). Tais Silva de Brito, professora negra e doutoranda em história global, reafirma a união exercida pelos grupos afro-centrados dos Estados Unidos. A doutoranda ainda afirma que:

A segregação racial foi uma realidade institucionalizada por quase um século após o fim da escravidão nos Estados Unidos. Do último quarto do século XIX a meados do século XX, vigoraram leis racistas que separavam brancos e negros em toda parte: nas escolas, nas universidades, nas empresas, nos ônibus e até mesmo em bebedouros públicos. (BRITO, 2018)

O cuidado para escolhas assertivas fica evidente no documentário, na marca de 1 hora e 23 minutos, onde ela se encontra sentada no chão escolhendo os figurinos. Podemos também levar em consideração a escolha das cores das roupas, a apresentação se repetiu por 2 dias, onde no primeiro, os figurinos eram amarelos, uma cor alegre que faz referência à cultura negra e a África. No segundo dia, temos a cor rosa, comumente associada às mulheres.

As referências ao empoderamento baseado no contexto histórico-cultural podem ser vistas novamente no minuto de 1 hora e 34 minutos do documentário, onde Beyoncé se integra à estrutura do palco (que forma uma pirâmide), e ela se encontra no topo desta pirâmide, trajada com seu turbante fazendo alusão as rainhas do Antigo Egito.

No evento é possível notar outro elemento relacionado ao poder da diva e sua vontade de fazer todos se sentirem acolhidos e especiais, no minuto 37 do documentário, mostra o momento do show onde ela sobe em uma plataforma e paira pela plateia dizendo “Estou vendo todos vocês, até lá atrás”, reforçando assim, o conceito desenvolvido para o show, de trazer reconhecimento a todos. Aos 21 minutos do documentário, encontramos uma cena marcante da “inversão” de papéis entre homens e mulheres, nesse caso, Beyoncé e suas colegas (bailarinas), disparam ordens aos homens (grupo de bailarinos denominados *Bug-A-Boos*), e eles ficam incumbidos de entretê-las, e se eles não obtêm sucesso, então ela comenta como público e com as colegas sobre as mulheres estarem cansadas dessas brincadeiras, e que não tem mais graça.

E ao último ato, é possível perceber a troca de roupa apenas da Beyoncé e de seu antigo grupo *Destiny's Child*, em que no primeiro dia (do tema amarelo), a cor de sua última roupa foi similar a uma estampa militar, dada a informação que já temos sobre a referência da cor amarela para o evento, o desfecho desse dia com uma roupa com tema de trajes de guerra, nos indica que ainda existe uma batalha a ser travada contra as estruturas preconceituosas. Já no segundo dia, esta última troca de roupa, a cor escolhida é o branco, que revela o desejo de paz para esses grupos referenciados.

6.2. Análise do discurso falado

No decorrer do show, houve alguns momentos em que textos foram narrados, estes, tinham o papel de reforçar o contexto histórico-cultural no qual se baseou toda a apresentação, trazendo apontamento e frases que demonstram a importância da representatividade. Como por exemplo na marca de 1 hora e 47 minutos do documentário, é mostrado o trecho do show em que Beyoncé profere as seguintes falas:

Coachella, obrigada por me deixarem ser a primeira mulher negra como atração principal. Dá para acreditar? Essa música é dedicada a todas as mulheres incríveis que abriram a porta para mim. Muito obrigada, mulheres. Temos mulheres fortes aqui? (HOMECOMING, 2019)

A cantora evidencia de forma irônica neste trecho a problemática de que ao longo de todos os anos do festival, apenas naquele ano tenham chamado uma pessoa negra como atração principal, ela também agradece às mulheres negras que vieram antes dela e abriram as portas para esta nova geração de artistas, fazendo com que fique mais exposta a situação de que antes dela, já existiam grandes nomes capazes de ocupar aquele espaço, mas que por falta de oportunidade não o fizeram.

No próprio documentário, instantes antes da citação acima, às 1 hora e 40 minutos, ela diz: “Sei a importância de sentir que somos parte de algo, que estão dialogando com a gente, que vale a pena.” (HOMECOMING, 2019). Tal fala reforça o reconhecimento que Beyoncé tem sobre a importância de se sentir representado e notado em um todo, por estarem interagindo na mesma frequência, falando sobre um assunto que gera identificação entre o interlocutor e o espectador.

6.3. Análise do discurso cantado

Por entre a análise do discurso cantado, o primeiro ponto que levantamos é sobre o “*setlist*”¹⁷, a escolha das músicas foi pensada de forma metódica para manter vigente o tema proposto, trazendo músicas de grande relevância para o debate como “*Formation*” e “*Freedom*”, que foram hinos de movimentos sociais como o “*Black Lives Matter*”¹⁸, além dessas, pudemos contar com músicas como “*Run The World (Girls)*” que fala sobre o

¹⁷ Termo de origem inglesa para a lista com todas as músicas tocadas nos shows. Link para a *Setlist* do Beychella: < <https://www.setlist.fm/setlist/beyonce/2018/empire-polo-club-indio-ca-13ecc121.html> >

¹⁸ *Black Lives Matter* de acordo com Silva (2020), é um movimento que: “luta por um mundo em que as vidas dos negros e as negras deixem de ser atacadas de forma sistêmica e intencional.”

empoderamento feminino, e “*Before I Let Go*” que conta sobre o minucioso trabalho da cantora na escolha de sua equipe baseado nas universidades para negros dos Estados Unidos.

Tal trabalho é ainda mais reforçado na fala de Audre Lorde, mulher negra, escritora, feminista, mulherista¹⁹ e ativista dos direitos civis, no momento de 1 hora e 39 minutos do *Homecoming*, que diz: “Sem comunidade não há liberdade” (LORDE, 1979).

6.4. Análise do discurso coreografado

Por meio da análise do discurso dançado, é possível notar os pequenos detalhes incluídos desde a escolha de dançarinos (feita de forma minuciosa pela equipe e pela própria Beyoncé), até os passos que seriam coreografados. Esse devido cuidado pode ser visualizado ao minuto 18 e aos 51 segundos, onde Beyoncé diz, que desejava ter um grupo de *Step Dance*, composto por artistas negros, e que queria pessoas e gingados diferentes, e se encantava com o que a nova geração podia fazer com o próprio corpo e com os instrumentos, a conexão deles com a cultura, os tambores, os cabelos, era esse universo que ela quis valorizar e apresentar no Coachella. Além disso, Beyoncé deixa explícito seus sentimentos diante de suas escolhas para o show na temática de “Fanfarra” das universidades:

É lindo e me deixa orgulhosa... Eu queria que todas as pessoas que foram rejeitadas por causa da aparência se sentissem naquele palco mandando bala e quero que isso seja uma experiência em que a gente cresça, se encoraje e olhe bem dentro de nós para nos tornarmos pessoas melhores. (HOMECOMING, 2019)

6.5. Análise do discurso apresentado

A partir da análise do discurso apresentado fica evidente inspiração para a composição da banda nas faculdades para negros dos Estados Unidos, além das líderes de torcida e Ballet. Os detalhes das escolhas, são imprescindíveis para manter a coerência do espetáculo, com a escolha da banda e ballet, não foi diferente, e as pessoas selecionadas para compô-los, não correspondiam ao comum nesses espaços, portanto a equipe foi montada por diversas pessoas negras, gordas, trans e com estilos e culturas diferentes.

¹⁹ Existe uma gama múltipla de significados para este movimento social, a acadêmica negra e nigeriana, Sotunsa Ebinoluwa o define como: “o mulherismo se difere do feminismo porque reconhece a tripla opressão das mulheres negras em que a opressão racial, sexista e de classe identificadas e combatidas pelas mulheristas em contraposição a preocupação principal do feminismo pela opressão sexista” (EBUNOLUWA, 2009, p. 4).

Outro ponto, foi o emprego de mulheres na banda base do show, onde pudemos encontrá-las tocando instrumentos diversos, como: bateria, baixo, guitarra, tuba, violino, caixa et al.

A intenção de transformar o show em uma grande apresentação de irmandade estudantil se consolidou pelo clima criado a partir da junção de todos os elementos e detalhes que compuseram o evento, fazendo assim com que reações como esta descrita ao minuto 31 do documentário por Beyoncé surgissem:

"Eu queria toda essa gente diferente e me sentir como eu me sentia quando eu ia à Batalha de Fanfarras, porque cresci vendo essas apresentações que eram o ponto alto para mim. Então estudei a minha história, o meu passado, e coloquei todos os erros, todos os meus triunfos, a minha carreira de 22 anos na minha festa de ex-alunos de duas horas." (HOMECOMING, 2019)

Considerações Finais

Mediante aos fatos expostos, de acordo com os objetivos traçados para esta pesquisa, podemos concluir que é mais do que relevante identificar e aplicar os princípios de expressão da cultura de representatividade nos eventos em geral, e principalmente nos megaeventos, devido sua extensa abrangência midiática.

Conseguimos identificar os elementos que compõem a temática da cultura de representatividade em todas as esferas comunicativas através dos discursos cantado, falado, dançado e apresentado, demonstrando o cuidado da cantora e sua equipe ao pensar em todos os detalhes para que seu público pudesse ser representado e se sentir parte daquele espetáculo. Concluimos a tarefa de esmiuçar seus detalhes e significados por de trás dos símbolos e ações, que giram em torno de fortalecer e enaltecer sua comunidade através do empoderamento e do conhecimento histórico. Tendo em vista que seu poder e potencial de influência é alto devido seu renome e relevância social conquistado com seu trabalho e sucesso em sua carreira, Beyoncé fez um excelente uso do seu espaço e visibilidade no megaevento Beychella, ao tratar sobre feminilidades através de suas músicas e dos contextos criados no show, e também sobre a tratativa para com as questões raciais, que quando aliada a potência do debate feminista negro, culminou em disseminação de cultura e quebra de paradigmas.

A partir da compreensão da importância dos detalhes, é possível destacar que para obter o resultado esperado sobre as temáticas da cultura de representatividade, é necessário que os organizadores e produtores de eventos se atualizem e tomem consciência do local onde estamos inseridos, para combater as estruturas que ferem de alguma forma algum grupo social. É preciso

que mantenham a atenção nos detalhes e na coerência do tema a ser tratado. Vale mencionar também a grande responsabilidade de se ter um alto nível de alcance, se fazendo valer ainda mais crucial o cuidado e respeito com os diferentes temas, dando propriedade e a devida oportunidade e visibilidade para as pessoas das mais diversas culturas.

REFERÊNCIAS

ABNT Eventos. **Eventos – Classificação e terminologia**. Associação Brasileira de Normas Técnicas, pág. 9. 2016.

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Michel Foucault e a teoria do poder**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2):105-1.10, outubro de 1995

ALVES, Soares. **Beychella: vendas de Beyoncé aumentam mais de 200% depois de apresentação no Coachella**. B9, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.b9.com.br/89764/beychella-vendas-de-beyonce-aumentam-mais-de-200-depois-de-apresentacao-no-coachella/>. Acesso em: 14 abr. 2021

BERTH, Joice. **Empoderamento: Feminismos Plurais**. São Paulo, Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p.14

BONITO, Marco; VAZ, Danielle. **Pantera Negra: A representatividade e o Afrofuturismo Como forma de construção da identidade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XX congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre – RS. 20 a 22/06/2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0874-1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021

BRITO, Taís Silva de. **Rompendo barreiras: o beisebol e a segregação racial nos Estados Unidos**. In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/beisebol-e-segregacao-racial-eua/>. Publicado em: 14 mai. 2018. Acesso em: 02 de ago. 2021

CESCA, Cleuza. **Organização de eventos: manual para planejamento e execução**. 9 ed. rev e atual. - São Paulo: Summus, 2008.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. ÁTICA, São Paulo - SP. 2000.

CONSELHEIROS, Prefeitura de Campinas. **Notas sobre os Conceitos de Representatividade, Legitimidade e Autonomia**. Campinas, 200-?, p.38. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-control/cursos/anexo-encontro-conselheiros/representatividade-e-legitimidade.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

DALAGO, Rodrigo Pessoa. OLIVEIRA, BOTOSO, Altamir. **"XXIII Ciência Viva Uberlândia " - A representação da mulher em repertório musical mais ouvido por**

brasileiros: uma reflexão para a redução das desigualdades. Uberlândia, MG, 2017. Acesso em: 14 abr. 2021

EBUNOLUWA, Sotunsa M. **Feminismo: A busca por uma variante Africana.** The Journal of Pan African Studies. Trad. Luana Cristina Muñoz Roriz. Vol. 3, n. 1, 2009.

FREIRE, Érika. **Biografia da Beyoncé: conheça a trajetória da diva pop.** Letras, 2021. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/blog/beyonce-biografia/>>. Acesso em: 31 jul.2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2018, p. 4.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano.** Círculo Palmarino - Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino. Nº 1. Batalha de Ideias, 2011. p. 13-15

HOME COMING. Direção: Beyoncé Knowles e Ed Bruke. Produção: Beyoncé Knowles. Nova Iorque: Parkwood Entertainment, 2019. (137 min). Disponível para assinantes na Netflix.

LIMA, Marcus Eugênio Iliveira; VALA, Jorge. **As novas formas de expressão do preconceito e racismo.** Scielo, Estudos de Psicologia (Natal). Estud. Psicol. (Natal) vil. 9 no. 3 Natal Sep/DEc. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000300002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 20 mai. 202

LOPES, Vilma de Souza. **Porque um feminismo negro.** Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 90-104, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9502/6829>. Acesso em: 02 ago 2021.

MELO, Victor Andrade. **Lazer E Minorias Sociais.** IBRASA, São Paulo- SP.2003.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções.** Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** 1ª ed. Editora Brasiliense, 2017, pág. 7-8.

SILVA, Gabrielle. **Entenda o movimento Black Lives Matter e como ele pode ser cobrado no vestibular.** Educa + Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/entenda-o-movimento-black-lives-matter-e-como-ele-pode-ser-cobrado-no-vestibular>. Acesso em: 20 de mai. 2021

VÍRGULA, Redação. **Números confirmam Coachella como maior festival anual do mundo.** Disponível em: <https://www.virgula.com.br/home/legado/numeros-confirmam-coachella-como-maior-festival-anual-do-mundo/>. Acesso em: 20 abr. 2021